

Uma prece especial

Um pai encontra conforto na fé depois da morte dos dois filhos e da mulher | POR TOM POSCH

DOENTE terminal, Maarten, meu filho, a apresentou dizendo: – Papai, esta é a Dra. Schuur, minha médica. Vou dizer uma coisa e quero que você escute.

Ele se virou para a médica, que estava pronta para sair, mas voltou a se sentar.

– Se tudo piorar, quero que você autorize uma eutanásia. E quando a hora chegar, quero que você esteja lá, papai.

– Claro, Maarten –, prometi sem pensar bem a respeito.

NO FIM DA DÉCADA de 1990, Maarten, sua mulher Martha e seu jovem filho Johan acabavam de voltar das férias em Malta quando Maarten começou a se queixar de dores de cabeça. Seu médico disse que era sinusite. Maarten tomou os remédios de praxe e continuou a trabalhar. No entanto, as dores pioraram, e meu filho era obrigado a ficar em casa sem ir ao escritório cada vez com mais frequência. O trabalho acumulado e as dores intensas o forçaram a se internar em um hospital.



Lá, o diagnóstico acusou pólipos. Martha, que é colombiana, o visitava de dia e à noite. Apesar dos cuidados extremos da mulher, a situação de Maarten piorou. Uma cirurgia não teve o resultado desejado, e as dores de cabeça se tornaram crônicas. Ele, porém, se mantinha animado durante os períodos mais amenos. Por fim, um novo diagnóstico, feito pelo Centro Médico da Universidade de Utrecht, revelou que Maarten sofria de uma forma rara de câncer de pele, localizado sob o olho direito.

MAARTEN, meu filho mais velho, nasceu em Haia em 1963, onde foi batizado na Igreja Reformada Holandesa. Era algo que minha mulher Els queria. Concordei, mas não dei muita importância ao fato, embora não fosse um ateu! Depois disso, nunca mais pensamos nos aspectos religiosos de nossa vida juntos.

Por minha causa. Eu trabalhava como jornalista, quase dia e noite, e Els, que tinha sido secretária executiva, “tomava conta da família”.

Maarten cresceu e se tornou um rapaz feliz. Seu irmão Arnout nasceu em 1967. Maarten e Arnout passavam grande parte do tempo juntos. Maarten era um pouco mais sério nas coisas que fazia, e Arnout estava o tempo todo bancando o brincalhão.

Mudamos para outra parte da Holanda, e os filhos passaram a frequentar a escola. A vida em família era ótima, todos estavam bem, e passamos juntos férias inesquecíveis na Indonésia, na Malásia, nos Estados Unidos, na Suécia e na Espanha. Els e eu considerávamos essas viagens a lugares distantes essenciais para dar aos rapazes uma visão ampla do mundo.

Era 1986. Certa noite, Arnout e seu amigo Nico foram a um *pub*, que ficava perto de uma passagem de nível da me-

Maarten (à esquerda), Tom (no meio) e Arnout com seu cachorro Oliver.



trovia do centro da cidade de Bussum. Quando saíram, ficaram um tempo por ali conversando com os amigos. Um deles se apoiou sobre o teto de vidro da estação do metrô, que se partiu. O teto era feito com vidro comum de janela em vez de vidro reforçado! O amigo em questão perdeu o equilíbrio, instintivamente se agarrou ao casaco de Arnout e ambos despencaram no vão da escada do metrô. Arnout caiu quatro metros e foi parar no fim da escada, com o amigo por cima dele. Arnout sofreu fratura na base do crânio e ficou em coma por cinco meses. Quando morreu, tinha 19 anos.

A VIDA JAMAIS seria a mesma depois dessa tragédia. O acidente fatal de Arnout fez com que mudássemos, ou talvez estivéssemos, cada um a seu modo, fugindo do que acontecera. Els decidiu trabalhar de novo como secretária. Depois de concluir o curso de artes gráficas, Maarten se tornou funcionário de uma empresa do ramo em Amsterdã, e eu fui trabalhar, entre outras coisas, como correspondente de um jornal na Alemanha Oriental. Fiquei baseado em Berlim.

Els, no entanto, teve muita dificuldade de superar o acidente de Arnout. Ela geralmente chorava, às vezes nos momentos mais inesperados. Era de partir o coração. Então, certa manhã, ela acordou e disse: “Falei com Arnout ontem à noite. Ele estava de pé perto da cama, todo vestido de branco. Está bem, está no céu, e quer que paremos de nos preocupar com ele.” Els disse isso com uma convicção que eu não

estava acostumado a ver numa pessoa tão realista como minha mulher. Seria possível? – eu me perguntava. Depois disso, nunca mais chorou e simplesmente continuou sua vida.

Um ano depois, Maarten comprou um apartamento em Bussum e deixou nossa casa. Ele morava perto de nós, e Els e eu o visitávamos com frequência. Nesse meio tempo, conheceu Martha, e os dois se casaram em 1997. Martha trouxe para a Holanda não só o seu ar alegre e o ardor pela vida, mas também o seu filho de 7 anos, Johan Sebastian. Maarten estava felicíssimo.

Na manhã de 9 de outubro de 1997, Els se levantou e, para minha surpresa, não voltou ao quarto. O motivo: um aneurisma – a ruptura de uma artéria dilatada. Vinte minutos depois, ela morria no hospital local. Tudo aconteceu rápido demais. Maarten e eu novamente tínhamos de lidar com a perda de um ente querido. Cada um de nós procurou apoio nos poderes mais altos, ou nas forças mais profundas. Foi outra virada em nossa vida.

Quando fui ver Maarten e sua família, pouco tempo depois, peguei-o lendo um volume pesado, de páginas finas.

– O que está lendo? – perguntei.

– A Bíblia, papai, é um ótimo livro – respondeu.

Gracejei, dizendo que havia livros mais agradáveis. Ele me olhou consternado e virou a página. Achei que esse traço religioso de Maarten era influência de Martha, católica devotada.

UM MÊS DEPOIS da morte de Els, conheci uma mulher da República Do-

minicana, Adela Cubilete Diaz, que enfrentava a perspectiva de perder seu visto de residência por causa da morte do companheiro holandês. Como eu cobria questões de imigração na época, fui chamado para ajudar. No fim, ela obteve permissão para ficar na Holanda e recebeu um visto de residência por tempo indeterminado. Tornamo-nos bons amigos, e eu a levava regularmente em minhas viagens, que funcionavam como uma espécie de curso de naturalização, para que ela pudesse conhecer melhor o meu país.

Algo, porém, sempre atrapalhava nossos planos. Adela ia à igreja aos domingos – uma igreja pentecostal latino-americana em Amsterdã. O culto durava quase a tarde toda. No início, ela faltava às vezes para sair comigo. Mas sua fé logo falou mais alto, e ela me convenceu a irmos juntos a algumas cerimônias. A princípio relutante, para minha surpresa comecei a ficar interessado, por exemplo, na pregação baseada em acontecimentos da vida real, na atraente música sul-americana tocada por uma banda ao vivo e na atmosfera amistosa. Ainda via aquilo mais como um curso de espanhol do que como uma celebração religiosa.

Ainda me lembro do dia em que, a igreja lotada, fiquei um pouco mais de tempo ali do que o normal. Uma mulher de voz parecida à de Amália Rodrigues começou a cantar. Lágrimas desciam pelo meu rosto. Acho que a conhecia do banco onde eu tinha conta, ela trabalhava ali, sentada a uma mesa. Chamava-se Dorkas, e me disse “Faço isso por Deus”, depois que lhe per-

guntei se não era tarde para trocar o emprego no banco por uma carreira de cantora. “Nunca me passou pela cabeça abandonar o banco.”

Isso me ajudou a superar meus receios e, da vez seguinte, quando as pessoas da frente perguntaram quem estava indo à igreja pela primeira vez (faziam a pergunta todas as semanas), eu me levantei. Embora tivesse assistido ao culto várias vezes, apresentei-me como recém-chegado a toda a congregação. Eu dera o passo, me convertera, e depois disso nunca perdi um dia de ofício religioso.

Alguém havia dito ao pastor que o filho do irmão Tom – eu – tinha sido internado no hospital. A congregação inteira rezou pela recuperação de Maarten. Eu havia passado a ler a Bíblia e fui batizado por imersão. Meus amigos ficaram boquiabertos quando lhes contei. Alguns eram muito céticos, mas a maioria ficou surpresa e disse: “É ótimo que você tenha encontrado um modo de lidar com os golpes da vida.”

NO CAMINHO para a enésima sessão de radioterapia, eu disse a Maarten, que não perdesse o ânimo nem por um minuto:

– Não vá ficar chocado, mas seu pai é membro de uma igreja pentecostal...

– Que ótimo! Você deve continuar a ir – disse ele rindo. – Quando eu melhorar, talvez vá com você.

Então chegou a tarde em que fui visitá-lo e descobri que não estava sozinho. A outra visitante era a médica que



Els (à esquerda) ficou contente quando Maarten se mudou para perto de nós.

Maarten me apresentara. Naquele momento, não me dei conta do significado do pedido dele: uma eutanásia.

Cerca de uma semana depois, quando meu filho voltava para casa, após um período no hospital, passeávamos num parque e ele disse:

- Papai, tenho um desejo.

Ele estava numa cadeira de rodas, bem agasalhado e com um chapéu de lã na cabeça. Pesava apenas 42 quilos.

- Adoraria passar um dia num hotel de luxo com Martha, numa suíte com hidromassagem, como em nossa lua-de-mel. Você pode ver isso para mim?

- Nem se tivesse de construir o hotel deixaria de fazer isso! Quando quer ir? - perguntei.

- Onze de dezembro - respondeu.

Naquela tarde fui a um hotel luxuoso da região. O gerente reservou a suíte com hidromassagem para 11 de dezembro de 2001. Lembro-me ter dito:

“Mande a conta para mim.” O gerente respondeu: “Senhor, não haverá conta, esse é um pedido especial.”

Na noite do dia marcado fui apanhar Maarten, com todo o equipamento médico, e Martha para levá-los de volta para casa. O gerente e a equipe na recepção do hotel estavam emocionados ao se despedirem deles.

Maarten foi direto dormir, estava exausto. Compreendi, então, que a eutanásia não estaria muito longe. Era algo que eu achava muito difícil, principalmente por causa da minha nova crença. Tive uma noite agitada e me levantei cedo. De pé, olhando pela janela do escritório, rezei ao Senhor: “Pai, por favor, não deixeis que Maarten sofra mais. Deixai-o ir até Vós!” Isso foi às 9h30. Às 10h liguei para sua casa. Johan atendeu e disse:

- Maarten ainda está dormindo.

- Onde está sua mãe? - perguntei.

- Foi ao supermercado - respondeu.

Era quarta-feira, 12 de dezembro. Às 10h30 o telefone tocou. Era Martha, chorando, ligando para avisar que Maarten morrera dormindo. Minha premonição tinha sido correta: Maarten desejava a eutanásia naquele dia e o Senhor agira a tempo.

No domingo, minha igreja rezou, não por Maarten - afinal, ele tinha ido para um lugar melhor -, mas por Martha, Johan e o *hermano* Tom.

HOMEOPATÉTICO

Poucos de nós se sentem confortáveis na presença de doentes, mas veja o exemplo tirado de um folheto para prevenção de doenças: “Se estiver doente, por favor, evite visitar o hospital.” JOE SHUMATE, EUA